

JORNAL RELIGIOSO, POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO.

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS FEIRAS E SEXTAS.

Redactor e editor responsavel — O Bacharel ANTONIO MARIA PINHEIRO FERRO.



Assignatura para a cidade — Anno 400 rs. — Semestre 240 rs. — Para as provincias — Anno 800 rs. — Semestre 480 rs. — Folha avulsa 5 rs. — Anuncios 25 rs. por linha — repetição 20 rs. — Escritorio: — Rua de S. João n.º 2, C.

SEXTA FEIRA 24 DE JULHO

BRAGA 20 DE JULHO

CONTINÚA A CRISE MINISTERIAL

Quando as questões politicas não seguem o caminho regular, e se tornam questões de conveniencia pessoal ou de momento, a vida dos ministerios está á mercê da primeira vaga que os quer derribar.

Esta tem sido a norma de todos os governos desde 1868 até hoje, e porisso temos presenciado tantas scenas edificantes, que teem trazido a descrença a todos os homens politicos, a quem ainda restava alguma esperanza sobre a rehabilitação politica d'este pobre paiz.

Não podemos duvidar da realidade dos acontecimentos; porque para isso seria preciso duvidar de nós mesmos.

São acontecimentos contemporaneos e ao alcance de todos e que tem dado e darão em resultado o infeliz estado em que nos achamos.

O ministerio actual, que tem vivido á custa da fraqueza de todos os partidos, não tendo em si elementos de vida, não podia de modo algum deixar de mostrar mais tarde ou mais cedo a sua pouca força governativa.

Com o apoio forçado das diversas parcialidades politicas, que não podiam ainda dar-lhe batalha, tem até hoje vegetado pelo escandaloso favor da sua impotencia.

Agora que o esteio mais forte d'esse governo pede a sua demissão e não quer partilhar da grave responsabilidade dos seus collegas na má administração do paiz, esses partidos decerto até agora impotentes aproveitarão o momento para dar o ultimo golpe em uma situação que não podia de certo existir, se no nosso paiz houvesse moralidade politica.

As cortes vão brevemente reunir-se e ahí veremos congregados os partidos para deribar uma situação que parece impossivel ter existido com taes elementos.

A saida do sr. Visconde de Chancelleiros foi de tal importancia para a situação actual que fez abalar profundamente todo o ministerio.

Tambem fez com que adocesse o sr. de Bolama, que tão notavel se diz á quem e além-mar.

Diversas combinações se inventam para amparar a carangujola ministerial, debalde porém se tentarão porque o ministerio cairá em breve perante a camara, sua filha querida!

Os historicos e regeneradores procuram chegar a um accordo para realisar o que já ha muito planisavam; porém os interesses farão talvez viver mais alguns dias um ministerio, que não podia durar um mez se houvesse decencia politica.

O artista não póde de certo na sua baixa esphera alcançar os grandes problemas politicos; porém não duvida annunciar que a crise politica é latente e que ministerio não póde viver com os filhos que procreou!!!

F.

PROFISSÃO DE FÉ

Como póde alguém duvidar da nossa crença politica transcrevendo o primeiro artigo do nosso illustrado collega *O Futuro*; por isso declaramos terminantemente que somos liberaes, no verdadeiro sentido da palavra, e não como aquelles que abusam do verdadeiro sentido d'ella.

N'estas condições ousamos declarar que a doutrina do artigo que passamos a transcrever, com a devida venia, é mais liberal do que as acções dos que dizem que soffreram pela causa da liberdade.

F.

Aos nossos assignantes e ao publico

Sol da verdade!...

Escurecer-te, póde o eclipse,
anniquillar-te nunca.

Pela nossa posição na imprensa, e pelos deveres que nos ligam aos nossos assignantes, não devemos occultar-lhes um deploravel facto de intolerancia politica, e de selvageria, que ha poucos dias occorrêra n'esta cidade, e que tem causado uma geral indignação, assim no partido legitimista, como entre muitos liberaes sérios, imparciaes e illustrados.

No dia 14 das 5 para as 6 horas da tarde foi um dos nossos collegas da redacção do *Futuro* agredido no campo de Santa Anna, e offendido cor-

poralmente por um valentão do Mindello, que pela idade, posição social e a propria dignidade lhe cumpria ser mais prudente e tolerante; sem que por parte do alludido redactor tivesse havido a mais pequena provocação, nem mesmo offensa do *Futuro* para com o iracundo aggressor; e ainda dado quando a houvesse, só tinha o direito que a lei lhe facultta, de recorrer á acção judicial, chamando o *Futuro* aos tribunaes; achou, porém, que era meio mais summario ser juiz, parte e executor da alta justiça.

A curta distancia do logar do acontecimento, tendo presenciado este factó inqualificavel um illustrado professor do Lyceu d'esta cidade, indignado com aquelle canibalismo, exclamou:

«Isto é infame! Sou liberal, mas reprovo estas scenas atrozes, improprias de verdadeiros liberaes. Estas intolerancias deviam acabar, porque desacreditam o systema constitucional, e o tornam odioso aos povos!»

Retraimo-nos, não referindo todas as circumstancias aggravantes que então se deram, nem as consequencias, não menos deploraveis, que se seguiram, *abyssus abyssum invocat*, como resultado natural do insulto feito a um dos redactores d'uma folha, que desde o seu primeiro n.º sempre ha mostrado cordura e tolerancia para com toda a familia liberal, doutrinando o esquecimento das nossas dissensões, e convidando-a a uma conciliação, que nos aproxime e nos una no interesse commum do bem publico, e da nossa autonomia.

Aguardamos os actos da auctoridade, e por isso nos abstemos n'este ensejo de fazer uma circumstanciada narrativa d'este escandaloso succedimento.

Dous dias antes tinha sido aggreddido um outro dos redactores do *Futuro*, sendo o offensor acompanhado de diversos individuos, em cuja occasião o provocador com iracibilidade soltou as seguintes phrases:

«Não ha de ficar um só miguelista; hão-de renovar-se as scenas de 1834; havemos de arrancal-os até junto do sacraário».

O nosso collega sem se intimidar com a insultuosa e não merecida provocação, comprimindo prudencialmente o sentimento profundo, que ella lhe causava, como victima expiatoria d'uma intolerancia parva, respondeu em termos taes, e dando lições de historia pátria, a quem parecia ignoral-a, que o aggressor se deu por convencido, de que não havia motivo para se reclamar do *Futuro* uma satisfação, porque nem a responsabilidade era sua, nem irrogava offensa pessoal o *communicado*, que servia de pretexto para o insulto.

Os dois factos, que perfunctoriamente acabamos de narrar, varridos de toda a ideia odienta, provam evidentemente, que as aggressões e os insultos foram combinados e calculados, com o intuito de pôrem uma mordaca n'esta folha legitimista, cujas verdades e apreciações os incommoda, quando não possam conseguir que o *Futuro* cesse a sua publicação.

Não lograrão nem uma nem outra intenção.

Á fé que não acceitamos da juventude legitimista de Braga, este symbolo das nossas profundas convicções, para o enrolarmos nos momentos solemnes do perigo; presamos a vida para defeudel-o, desprezamos-a para o conservar asteado.

Toda esta cidade se tem manifestado saudando o *Futuro*, porque aonde apparece a innocencia e o martyrio, apparecem os respeitos publicos, e as homenagens á verdade:

Se a despeito da geralmente reconhecida innocencia do *Futuro*, o governo o quizer arrastar aos tribunaes, para satisfazer exigencias partidarias, é lá que diremos o que aqui calámos; é lá que a hidiondez do ultraje que nos foi feito, e as leis condemnam, será patente aos olhos d'um tribunal incorruptivel, e que tem acima de todo o individualismo, e de todas as conveniencias politicas, o seu dever, esse sagrado dever, aos pés do qual cahem os despostas.

Oh! se tal acontecer, é a mais revoltante ingratição do governo para com o partido legitimista de Braga, do qual ainda ha pouco copioso numero dos seus correligionarios cooperaram junto da urna eleitoral para o triumpho dos candidatos governamentaes, se não foram os seus votos que mais decidiram para esta victoria do governo.

Dizia o grande rei de França Luiz 14.º:—
Quando faço um beneficio, faço um ingrato.

Que diremos nós, legitimistas de Braga, se a mão, que devia gratamente apertar a nossa, quizer decepar as que escrevem uma folha, que tem a consciencia de não haver ultrapassado as bases da lei?!

CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor

O seu novo jornal — *O Artista* — padrão de gloria, para quem lhe deu a luz da publicidade, e fonte inexaurivel de serviços para a classe que representa, é um grande achado, que só podia apparecer nos nossos dias.

Elle não simboliza a communa, essa barbarie passada, como dirão os mal-dizentes, mas sim a verdade e a justiça, religião e patria, como revela o seu programma.

A classe artistica, que aos olhos dos myopes trans-luz baixa e desprezivel, é indubitavelmente magestosa e cheia de brilho. Fazer ver os fóros e prerogativas que lhe pertencem, é um serviço proprio só dos homens de bem.

Esta classe, posto que entre nós pobre, é uma classe respeitavel e nobre. A profissão laboriosa não rebaixa, o que rebaixa é o ocio: nem a nação do povo escolhido de Deus, nem a nação christã, o entenderam de outro modo. Distinctos hebreus foram

pelleiros, sendalheiros, padeiros, e copistas, e o filho do divino, a fonte de toda a nobreza, tomou por mãe a esposa de um artista, e elle mesmo foi artista. O seu berço não se viu nos grandes salões, mas no casebre de um carpinteiro de Nazareth. — porque, só aonde reina a innocencia, é que podia estar o innocente, — e raro é o homem, que vergando ao peso do trabalho, de dia a dia, e vivendo da fadiga assidua da sua intelligencia, se vae enlodar no crime e na infamia. — Pelo contrario nos grandes salões, só se vê lodaçal immundo, e se respira o amargo e violento suor do homem de trabalho, e a palida e moribunda esmolla do pobre mendigo que difinha de fome.

A nossa epoca, nenhum outro nome achou mais sublime, mais poetico, mais significativo, para saudar o — Nume supremo — do que o nome do grande — architecto do universo — o artista por excellencia — o chefe de todos os artistas.

Eia verdade, a obra do artista é uma poesia muda, que ora ostenta a humanidade na innocencia, ora a tira do estado de selvagem, ora a faz vêr victima das paixões más, ora a torna superior a elles. Muitos dos seus effeitos são mais grandiosos e eloquentes, do que a mesma eloquencia dos oradores.

É uma historia, aonde facilmente se aprendem factos passados, que passam de paes a filhos, os obeliscos, as inscrições, medalhas, tumulos, estatuas, templos, e outros objectos artisticos — eis o grande livro por onde se lêem esses factos que os seculos mal tem podido corromper.

O artista com o seu braço robusto, e com a sua intelligencia, dá fórma á materia, e como que a faz reviver ainda na sua teta o Deus da creação, a ensinar os povos na terra da Palestina.

É ainda o braço forte da sociedade; a elle se devem os instrumentos da defeza de um povo ou de um reino, os ferros de fender as terras, para tirar o alimento, e os habitos para resguardar a humanidade dos rigores da estação.

Quem mais util á sociedade do que o artista? Quem mais nobre do que elle?

Deus creou o homem para o trabalho, e o que está fóra d'elle não cumpre este sublime preceito, não satisfaz á vontade divina. É um ocioso, embora lhe chamem fidalgo hereditario; e a verdadeira honra e nobreza não existe. É ephemera. . .

Só o artista. . . Esse sim. . . O trabalho, deixa-o só depois que geme de canção, e o seu suor é cheio de philantropia e de caridade para a familia que sustenta. Não desanime, sr. redactor, de advogar os interesses d'esta nobre classe. Sancta é a vinha, e grande a gloria do lavrador que a anima e cultiva.

Um artista d'aldeia.

NOTICIARIO

Festividade. — Festeja-se no proximo domingo

a imagem do Senhor Ecce-Homo que se venera nos Congregados.

Diz-se que o armador será o filho do sr. João da Silva livreiro da rua do Anjo, e porisso é de esperar que seja bem acabada a obra em vista da habilidade do joven Artista.

A gratidão do Artista. — O *Artista* faltaria a um dever sagrado senão mostrasse o seu eterno reconhecimento ao jornal o *Futuro*, publicado na proxima passada quarta feira.

As apreciações feitas por este collega ao nosso humilde jornal são demasiadamente benevolas para o pobre *Artista*, que sem recursos, sem nome e sem ostentação se apresenta como fiel soldado das lides jornalistas.

Sabemos que o *Futuro* representa uma politica adversa á actual, mas apesar d'isso é amante da verdade, imparcial e respeitador das boas qualidades, que deve ter todo o homem politico; por isso não duvidamos n'este campo, estar sempre ao seu lado, embora os nossos correligionarios politicos digam, como dizem que nós prejudicamos a causa constitucional.

Posto isto pedimos ao nosso illustrado collega para transcrever no nosso jornal a sua benevola local.

O Artista. — Saiu hoje um novo jornal com o nome *O Artista*; o seu fim principal é advogar a causa de todos, especialmente a dos que trabalham, hoje tão desprezada. É religioso, politico, noticioso; politico só em quanto ás cousas que dizem respeito ao bem estar dos povos e felicidade da patria — isto é politico sem politica. — É o seu editor responsavel e redactor principal o digno e illustrado professor do Lyceu Nacional de Braga o Ill.^{mo} Snr. Dr. Antonio Maria Pinheiro Ferro. Está bem redigido; e como denodado campeão da verdade, tem merecido respeito e admiração do partido legitimista, e a homenagem de todos: — ou não fóra o seu collaborador um cavalheiro que além d'outras muitas nobres qualidades que o caracterisam, é summamente grato e beneficiente a todos especialmente á classe artista sendo o 1.^o secretario do Monte-pio e o seu preceptor gratuito na aula que vae abrir-se brevemente, principiando ás 8 e meia horas da noite e acabando ás 10 em todos os dias não santificados ou de gala, em proveito dos mesmos socios do Monte-pio e seus filhos.

Desde já damos os parabens a Sua Exc.^a pelo seu fim tão humanitario e pelos seus bem elaborados, perfectos, e completos artigos. Protestamos eterno reconhecimento e gratidão aos serviços que prestou ao nosso jornal defendendo-o de certas aggressões injustas; além das columnas do nosso jornal, que d'ora em diante estarão promptas para o defender em eguaes circumstancias, desejamos ao seu jornal longa vida e muitissima prosperidade.

O *Artista*, além de de tudo recommenda-se pelo seu diminutissimo preço, que é o seguinte:

Assignatura por anno, 400 rs. — Semestre 240. — Para as provincias, assignatura por anno 800 rs.

— Semestre 480. — Folha avulso 5 réis. Publica-se ás terças e sextas feiras de cada semana.

Ao Bracarense. — Agradecemos ao nosso collega do *Bracarense* o prazer que lhe causou o apparecimento do *Artista*.

Emquanto ao desejo que o nosso collega tem de que o *Artista* corresponda lealmente ao seu fim e não se sirva do titulo para interesses alheios póde o collega estar certo que o *Artista* irá caminho direito, e sem lhe importar com as amarguras inherentes ao jornalismo.

O *Artista* seguirá o caminho que incetou, embora tenha de soffrer as consequencias, que soffrem todos aquelles que são amantes da verdade, e não transigem com as consequencias.

Assassinato frustrado. — Deu-se n'esta terra ha tempos um facto, que a imprensa calou cuidadosamente e que ás auctoridades parecerá que passou despercebido.

Pois a todos ainda hoje lembra perfeitamente, e o que parece incrível é que o favor e a impunidade vão tão longe.

Em um dos ensaios do theatro d'esta cidade, quando aqui veio ultimamente o eximio Taborda, que rendo o sr. Joaquim Cunha Reis entrar no palco, e não lhe consentindo o filho do sr. Visconde de Montariol, deu aquelle com um chicote n'este, è retirando o filho do sr. Visconde, e voltando pouco depois disparou á queima-roupa contra o sr. Cunha Reis um tiro de revolver.

Houve grande alvoroço acudiu a policia e a força armada, sendo a primeira ameaçada e mal tratada, segundo dizem pelo sr. Jeronimo Pimentel, e a segunda mandada retirar pelo sr. Visconde de Pindella. Não se fallava em outra cousa em Braga, dizendo-se que, se aquillo fosse com algum desgraçado, iria de certo logo para a cadeia e de lá para a costa d'África.

A final o publico não se enganou porque tudo se compoz e o heroe da tragedia logo no dia seguinte passeava em Braga com tanta arrogancia como se tivesse mettido uma lança em Africa.

Tudo assim vae porque é ordem normal do mundo, e nós já não admiramos a sua marcha; mas esta é tão calva e tão escandalosa, que sempre nos atrevemos a fazer uma pergunta.

Se o *Artista* levar por ahi alguma bofetada, chicotada ou pontapé e á moda do filho sr. Visconde de Montariol, dér o seu tirinho em troco, não será preso, nem processado?

O nosso collega do *Bracarense* veio fazer-nos repetir esta local, com a sua — Accusação intempestiva.

Não gostou o nosso collega da local do *Artista*; mas não teve a coragem de negar o facto. Tão grande é o poder da verdade!

O collega sabe muito bem que o sr. Soares estava administrador do concelho interino e ameaçado de ser substituido, como foi pelo irmão do braço direito do sr. governador civil.

Ainda assim esse cavalheiro fez o seu dever até onde a sua falsa posição lho permittia; porém parece que as testemunhas dadas pelo sr. Soares e que foram na maxima parte presencias nada quizeram dizer.

Havendo porém muito empenho em desaggravar a justiça e a moralidade offendida, de certo as auctoridades achariam meio facil de encontrar a verdade que ninguem se atreverá a contestar.

Não se fez assim; o criminoso era filho do sr. Visconde de Montariol, a quem a acção da justiça não póde tocar sem risco de soffrer algum transtorno.

Finalmente terminarei dizendo ao collega do *Bracarense*, que se o seu jornal e a imprensa de Braga tivessem satisfeito ao seu dever, não se deixando abafar, não teria o *Artista* publicado a sua local a que o collega chama a intempestiva.

Fallecimento e acompanhamento. — No dia 15 do corrente falleceu Gonçalo Pereira dos Santos, tendo 27 annos de idade.

Era um artista que trabalhava em casa do sr. José Boaventura da Silva.

Este infeliz, como todos os da sua classe não tinha meios e porisso os seus companheiros lhe promoveram uma subscripção para as despezas do funeral.

Mais de oitenta artistas acompanharam á ultima morada o seu infeliz companheiro, a quem uma prematura morte roubou ás misérias d'este mundo.

A Philarmonica Bracarense foi gratuitamente prestar a ultima homenagem ao seu companheiro.

Este facto prova que os artistas tem espirito de classe e sentimentos religiosos.

Não deixe a classe Artistica de continuar a dar provas do seu bom e nobre coração; porque a verdadeira grandeza está na pratica das boas acções.

Efeitos do calor excessivo. — Tem estado estes ultimos dias um calor de tal ordem que entre Cobellos e Fojo morreram tres bois abafados.

Entre Ponte do Lima e Braga morreu um cavallo, e parece que por outras partes tem havido casos semelhantes. Se o tempo não refresca teremos a lamentar muitos factos d'esta natureza.

ANNUNCIOS

OBRAS DE LATA BRANCA

1 — ROCIO DE TRAZ DA SÉ — 1

Antonio Francisco de Oliveira, faz saber aos seus freguezes, que além das differentes obras que na sua loja se encontram tem banheiras de tomar banhos, que aluga por preços muito commodos. (1)